



PASTORAL DA CRIANÇA

Para que todas as crianças tenham vida e a tenham em abundância (Jo 10,10)

Entrevista com Dra. Ana Elisa – Mortalidade Materna: olhar atento dos especialistas

A mortalidade materna ainda é um grande desafio de saúde pública. Segundo dados da Organização Panamericana da Saúde, cerca de 830 mulheres morrem todos os dias por complicações relacionadas à gravidez ou ao parto em todo o mundo, sendo que a maioria das mortes poderiam ter sido evitadas.

A situação tornou-se ainda mais grave devido aos impactos diretos e indiretos da pandemia da Covid-19, que levou a um grande retrocesso em vários países. No Brasil as taxas de mortalidade materna dobraram no período, voltando a níveis registrados há 25 anos.



Saiba mais sobre o assunto na entrevista com a Dra. Ana Elisa, doutora em Antropologia Social pela Universidade Estadual de Campinas, pesquisadora do Centro de Estudos de Migrações Internacionais, CEMI - UNICAMP e do Observatório Saúde e Migração da FENAMI. Também junto à Organização Internacional Médicos Sem Fronteiras desde 2016 como antropóloga e coordenadora de Promoção de Saúde.

ENTREVISTA COM: Dra. Ana Elisa, doutora em Antropologia Social pela Universidade Estadual de Campinas, pesquisadora do Centro de Estudos de Migrações Internacionais, CEMI - UNICAMP e do Observatório Saúde e Migração da FENAMI.

Qual é a situação atual da mortalidade materna no Brasil?

Nosso panorama geral relacionado à mortalidade materna no Brasil é bastante ruim. Os últimos dados revelaram que nós estamos em um patamar próximo ao que a gente tinha em 1998, ou seja, cerca de 25 anos atrás. Os dados de 2021 apontam que nós tivemos 110 mulheres que morreram nesse período entre a gestação e o pós-parto a cada 100 mil bebês nascidos vivos. Essa é a média nacional. E essa média de 2019 para 2021 ela praticamente dobrou. Nos países considerados mais desenvolvidos, essa média gira em torno de 10 mortes de mulheres a cada 100 mil bebês nascidos vivos. A meta do Brasil seria chegar a 30 mortes de mulheres a cada 100 mil bebês nascidos vivos. Infelizmente, os dados mostram que as fragilidades estruturais que a gente já tinha na atenção obstétrica se intensificaram muito na pandemia. Esse número que antes girava em torno de 60 mortes para cada 100 mil bebês nascidos vivos, durante a pandemia ele salta para 110 e nesse momento então nós não temos os dados para o momento atual, os dados estão sendo consolidados, mas a gente consegue ver que o desafio é grande. Um outro dado importante que esses índices nos revelam é que a gente tem no Brasil uma imensa desigualdade regional. Em regiões como a região norte, onde a gente tem as taxas mais elevadas de mortes maternas no Brasil, o estado, por exemplo, de Roraima chegou em 2021 a ter 281 mortes para cada 100 mil bebês nascidos vivos. Ou seja, nessa média nacional era 110 e a gente consegue ver uma discrepância muito grande em algumas regiões.

Quais são as principais causas da mortalidade materna?

As causas de mortalidade materna no Brasil elas são em sua grande maioria causas evitáveis, 90% dos casos seriam evitáveis. Elas estão relacionadas a quadros de infecção, hemorragias, hipertensão, por exemplo. No período da pandemia somava-se a isso quadros relacionados à infecção por Covid-19. Mas enfim, acho que o mais importante da gente ressaltar aqui é que a morte materna está sempre ligada a falta de serviços básicos de saúde.

Por que muitas gestantes e mulheres que acabaram de ganhar bebê não recebem os cuidados necessários que precisam durante esse período?

As razões pela falta de acesso são várias e envolvem toda uma cadeia de atenção, que vai desde a atenção primária, inclusive relacionada ao acesso ao planejamento familiar adequado, ao acesso ao acompanhamento de pré-natal adequado e de qualidade, até a ponta, a atenção especializada, que vai envolver o serviço de maternidade e o serviço de alta complexidade. E para que essa cadeia funcione bem, é necessário investimento em cada segmento dela. A gente continua com muita dificuldade, inclusive em garantir a atenção básica de saúde primária para as mulheres. Um dado importante é que apenas 34% dos municípios brasileiros hoje em dia atingem a meta de no mínimo 6 consultas de pré-natal para pelo menos 45% das gestantes. Mas, para além disso, muitas

vezes, aquelas mulheres que conseguem uma atenção, um acompanhamento a um pré-natal adequado e de qualidade elas não vão ter acesso à maternidade. Eu acho que a gente pode considerar que a estruturação da atenção primária é fundamental, mas, sobretudo, para que essas mulheres entendam a importância inclusive do acompanhamento de pré-natal, que esse acompanhamento não seja interrompido para que isso aconteça é necessário o estabelecimento de um vínculo de confiança entre os profissionais e as mulheres e, finalmente, a gente também precisa garantir uma qualidade no atendimento hospitalar das maternidades para que ele seja acolhedor e que situações como de violência obstétrica que são muito comuns no nosso cenário, sobretudo, quando a gente olha para as desigualdades sociais e raciais, portanto, quando a gente está falando de mulheres negras e mulheres indígenas. Então, a gente precisa garantir que isso não aconteça e que cada uma dessas situações possa ser um gargalo e vir a causar mortes maternas.

Como ajudar a prevenir a morte materna?

Eu já vinha falando um pouco sobre a necessidade de estruturação desta cadeia de atenção obstétrica da rede de saúde. Eu acredito que a prevenção e a consequente redução desse índice passa, portanto, por essa reestruturação e isso pode ser feito através de investimentos em programas governamentais como a Rede Cegonha, que é o programa que a gente tem atualmente e investimentos de outras ordens, em estruturas hospitalares, por exemplo. Orientações adequadas sobre saúde sexual reprodutiva e acesso ao planejamento familiar é uma questão também bastante importante quando a gente pensa em prevenção.

Qual é a importância das políticas públicas no combate à mortalidade materna no Brasil?

É através da política pública que a gente garantiria o acesso universal democratizado a toda esta rede de atenção obstétrica e é justamente o funcionamento dessa política pública que faz com que os índices de mortalidade materna e infantil se reduzam. Mas eu diria que é justamente nos gargalos onde esse sistema de política pública tem mais dificuldade que se dá a importância das redes de apoio, sobretudo, para atuar de forma complementar nestes contextos de maior vulnerabilidade. Então, é extremamente importante contar com uma rede de apoio próxima, com pessoas da família, para quando são identificadas situações onde o sistema de saúde não consegue chegar.

ENTREVISTA COM: Caroline Dalabona, nutricionista da Coordenação Nacional da Pastoral da Criança.

Como a Pastoral da Criança ajuda na prevenção da mortalidade materna?

A Pastoral da Criança trabalha com apoio mensal para as gestantes nas visitas domiciliares e no contato frequente que os nossos voluntários têm, porque moram na comunidade e formam a rede de apoio. Faz parte da Pastoral formar essa rede de apoio. A Pastoral é acionada muitas vezes pelas gestantes, pelas famílias das gestantes quando elas estão precisando ou até mesmo durante as visitas domiciliares ou momentos em que estão com a Pastoral, para ajudá-las quando tem alguma emergência, quando tem alguma situação que elas não estão conseguindo, por exemplo, atendimento médico. Então, a Pastoral funciona como uma rede de apoio nas comunidades.

Como o “Aplicativo da Pastoral da Criança + Gestante” ajuda a orientar as gestantes sobre a redução da mortalidade materna?

A Pastoral da Criança também, além da rede de apoio que é formada nas comunidades, disponibiliza o Aplicativo Pastoral da Criança + Gestante para todas as famílias que queiram baixar. Nele, a gestante pode encontrar informações sobre o pré-natal, sobre esse período gestacional, sobre os exames e sobre os direitos que ela tem durante a gestação e sobre sinais de risco, vídeos, fotos e orientações sobre como proceder em caso de algum sinal de risco.

(MENSAGEM) Irmã Veneranda da Silva Alencar, Coordenadora Nacional da Pastoral da Criança, também participa do programa de hoje.

O que pode ser feito para reduzir a mortalidade materna?

Infelizmente, tem aumentado muito o número de mães que ainda morrem devido à complicações durante a gravidez, no parto ou no pós-parto, a maioria delas evitáveis.

A taxa de mortalidade materna depende muito da qualidade da assistência médica, principalmente durante o pré-natal.

A redução da mortalidade materna implica em desenvolver ações de participação nacional, atendimento humanizado, acesso às unidades básicas de saúde, às maternidades, disponibilizar exames e cumprir com que seja feito o máximo de consultas preconizadas pelo SUS.

Durante seus 40 anos de existência, a Pastoral da Criança tem procurado incentivar e orientar as gestantes a iniciar logo o pré-natal e não faltar às consultas. Por isso, os líderes realizam a cada três meses nas comunidades o Mutirão em Busca das Gestantes.

Com um pré-natal de qualidade e seu acompanhamento atencioso, através da

visita domiciliar, da entrega das Cartelas Laços de Amor e das orientações através do Aplicativo da Pastoral da Criança + Gestante estamos colaborando para que nossas gestantes tenham um parto seguro e feliz e crianças mais saudáveis.

(TESTEMUNHO) Irmã Alda Moura dos Santos, Coordenadora Diocesana da Pastoral da Criança de Ipameri, estado de Goiás.

Que orientações vocês passam para as gestantes e famílias sobre a prevenção da morte materna?

Nós levamos ao conhecimento das gestantes o conteúdo dos Laços de Amor, que apresenta os sinais de perigo para as gestantes e também a necessidade do acompanhamento médico, que está muito bem colocado no Guia do Líder. Outro ponto é a necessidade de começar o quanto antes o pré-natal, comparecer às consultas, fazer os exames médicos solicitados, cuidar da alimentação e que a gestante possa fazer um bom plano de parto e, em caso de ser uma gestante de risco, ela precisa estar perto da maternidade quando o parto está próximo de acontecer e depois do parto, deve continuar prestando atenção a esses sinais de risco. Quando acontecer um sangramento, algumas infecções, anemia, a depressão pós-parto ela deve procurar ajuda médica, sempre que necessário.

(MENSAGEM) Dom Elio Rama, Bispo da Diocese de Pinheiro, Maranhão e Presidente do Conselho Diretor da Pastoral da Criança, sobre a importância da missão dos líderes da Pastoral da Criança.

Certamente é uma constante na vida de toda a liderança buscar motivações para levar à frente esta grande missão. Eu diria que a Palavra de Deus, a missão que Deus colocou de todos vocês, líderes da Pastoral da Criança, é sem dúvida nenhuma escutar essa Palavra que ajuda a aumentar a fé, a esperança e o amor, seguindo também os passos de Jesus que é o Caminho, que é Verdade, que é a Vida.